

A MODERNIDADE E A MULHER EM *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*

DANUSA DA MATTA DUARTE FATTORI*

Resumo

Lima Barreto, em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, estabelece uma importante contraposição de comportamentos femininos, por meio da qual é possível extrair conclusões significativas a respeito do papel da mulher em sua obra.

Abstract

Lima Barreto, in Triste Fim de Policarpo Quaresma, establish an important contraposition of female behavior, in wich it's possible to extract significant conclusions about women role in his work.

Palavras-chave

Lima Barreto
mulher,
sociedade.

Keywords

*Lima Barreto,
women, society.*

* Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília-UnB; Mestre em Teoria Literária pela USP.

Sabe-se que, na obra de Lima Barreto, se destacam questões complexas como a do preconceito racial, da discriminação dos pobres, do nepotismo e até da corrupção, temas ainda hoje bastante atuais e sempre bastante estudados pelos críticos que se debruçam sobre sua obra. O tema da mulher, entretanto, não costuma ser abordado com frequência. Talvez pelo fato de o próprio autor ter afirmado em uma de suas crônicas: “(...) e eu, que estou sempre disposto a trocar as pretensões feministas (...)”,¹ afirmação essa que aparentemente o vincula às posições mais conservadoras em relação aos avanços que as mulheres reivindicavam já àquela época. Há, no entanto, em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (TFPQ), uma importante contraposição de comportamentos femininos, capaz de suscitar instigantes considerações a respeito do modo como Lima Barreto tratou a mulher na sua obra.

Constitui fato notório que a posição da mulher frente ao homem se modificou de maneira significativa nas sociedades ditas modernas onde esta foi alcançando, aos poucos, sua emancipação. Arnoni Prado ressalta a relação entre **emancipação** da mulher e **modernidade**, ao mesmo tempo em que destaca a posição algo conservadora do Lima Barreto ao afirmar:

Compreendeu-se, assim, a importância dessa busca do acontecimento baseada na pesquisa do cotidiano e, por trás dessa atitude, passou-se a admitir a modernidade de Lima Barreto, já agora considerado um parente próximo dos escritores rebeldes que fizeram a Semana de Arte Moderna de 1922, *apesar de suas restrições à construção dos arranha-céus, ao jogo de futebol e à emancipação profissional da mulher.*² [grifo meu]

¹ LIMA BARRETO, A. II “Tenho esperança que...”. In: *Toda crônica*, vol. I. (Org.) Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, p. 355-8.

² ARNONI PRADO, A. “Uma leitura do povo para o povo”. In: *Triste fim de Policarpo Quaresma, edição crítica*. Antônio Houaiss/ Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo, coordenadores. Madrid; Paris, México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; São José da Costa Rica; Santiago do Chile: ALLCA XX/ Scipione Cultural, 1997, p. 524-9. (Coleção Archivos 301)

Embora não se pretenda avaliar o maior ou menor grau de modernidade do autor aqui analisado em relação ao tema mulher, fato que implicaria o risco de recairmos em severo anacronismo ao cobrar posicionamentos improváveis de serem assumidos em sua época, essa abordagem pode contribuir para a percepção do modo como o autor vislumbra a situação da mulher em meio ao processo de modernização, àquela altura, já irrefutável, e que se constituiu, esse sim, como ponto de especial relevância nas suas obras.

Voltemos, pois, à contraposição de comportamentos femininos a que nos referimos. O narrador em TFPQ contrapõe durante boa parte da narrativa duas personagens femininas: Olga e Ismênia, ora de uma maneira bastante sutil, ora nem tanto. Ambas as moças se encontram em idade propícia ao casamento, entretanto, a segunda faz desse o móvel da sua vida, ao passo que a primeira, se não chega a se opor ao mesmo, também não o supervaloriza. Nenhuma das duas ama o noivo, mas Olga, embora não soubesse exatamente por que se casava, mantém, mesmo após o enlace, sua personalidade, sua independência de pensamento em relação ao marido:

– Deviam continuar a presenciar as prisões, as deportações, os fuzilamentos, toda a série de violências que se vêm cometendo, aqui e no Sul?

–Você, no fundo, é uma revoltosa, disse o doutor, fechando a discussão.

Ela não deixava de ser. A simpatia dos desinteressados, da população inteira era pelos insurgentes. Não só isso sempre acontece em toda parte, como particularmente no Brasil, devido a múltiplos fatores.³

Ismênia, a seu turno, abandonada pelo noivo e vendo-se impossibilitada de cumprir o único objetivo que traçara para sua vida, (“ela, tão incapaz de um sentimento mais profundo, de uma aplicação mais séria de energia mental e física”) se desestabiliza completamente, vindo a falecer. A afilhada de Quaresma, diversamente, pensa, reflete sobre a realidade ao seu redor e atua sobre tal realidade e de tal maneira a vemos assumir posições sensatas, coerentes e ao mesmo tempo críticas em relação ao seu próprio grupo social, que o leitor facilmente percebe uma espécie de adesão do narrador ao discurso da personagem. Não raras vezes, o discurso de um e de outro chega a se confundir, como ocorre no episódio referente à ajuda que o governo deveria dispensar aos nacionais.⁴

Ismênia, entretanto, uma moça frágil, limitada, praticamente não tem discurso, ou melhor, o seu discurso restringe-se às respostas a respeito do seu casamento que nunca chega a se realizar. Para essa personagem, o narrador guarda somente críticas. Para Olga, elogios, tais como: “(...) a sua natureza inteligente e curiosa se comprazia nas mais simples descobertas que seu espírito fazia”. E em outro trecho, também a respeito da afilhada de Quaresma:

³ *Idem*, LIMA BARRETO, A. H. de. TFPQ, p. 174.

⁴ *Idem*, LIMA BARRETO, A. H. de, p. 138-40.

(...) [Olga] recalcou porém, dentro de si esse pensamento egoísta, o seu orgulho de classe, e agora entrava [no hospício] naturalmente, pondo em mais destaque a sua elegância natural. Amava esses sacrifícios, essas abnegações e tinha o sentimento da grandeza deles, e ficou contente consigo mesma.⁵

Importa notar a segurança da personagem que sobressai por meio de tais passagens. Destaque-se ainda a defesa que o narrador empreende a favor da afilhada de Quaresma quando, por exemplo, denuncia o fato de as leituras de Olga não terem a sua profundidade compreendida pelo marido.⁶

Tal fato, aparentemente simples, revela-nos a necessidade de se avaliar a própria instituição casamento, ao se discutir o papel da mulher na obra deste autor.

Lima Barreto, embora, a julgar pela posição assumida pelo narrador de TFPQ, não almejasse nenhuma grande modificação para essa instituição, critica o exagero com que, via de regra, se realizavam as cerimônias, inclusive no que concerne ao vestuário das noivas. Para ele, as cerimônias poderiam mesmo ser dispensadas:

(...) Antes, tenho a dizer que nada entendo dessas coisas sociais, mesmo em se tratando de casamentos. Não é atividade da minha seara intelectual, mas já foi dito que cada qual tem o direito de ter uma opinião e de dizê-la. Eu julgo que o casamento nada tem a ver com o despovoamento. Pode haver multiplicação da humanidade sem ele, como pode haver com ele. O ‘crescei e multiplicai-vos’ não subentende casamento algum. Há muitas espécies animais que obedecem ao preceito bíblico e prescindem de semelhante cerimônia. Por acaso entre os nossos animais domésticos que crescem e se multiplicam, apesar das pestes, das facas das cozinheiras, do choup, etc., há pastores e sacerdotes encarregados de realizar casamentos? Não.⁷

As mais importantes mudanças deveriam ocorrer principalmente no modo como muitas moças, de que Ismênia é um exemplo, percebiam o casamento: uma necessidade, não de atenderem aos próprios sentimentos, mas de satisfazerem a uma exigência de sua sociedade, a ponto de malbaratarem elementos como “a instrução, as satisfações íntimas, a alegria (...)”: “Aquela sua [de Ismênia] inteligência rudimentar tinha separado da ideia de casar *o amor, o prazer dos sentidos, uma tal ou qual liberdade, a maternidade, até o noivo*”.⁸ Esses pareciam ser os requisitos fundamentais do casamento para o narrador de TFPQ. O comportamento dos pais que concebiam o casamento de suas filhas como verdadeiros negócios também precisava ser modificado.

Para o narrador, diversamente do que pensava boa parte dos personagens, o fato de uma moça não se casar não constituía crime nem motivo de vergonha. Era mesmo preferível que o matrimônio não fosse contraído se não estivessem presentes os requisitos realçados acima. E embora se refira a Dona Adelaide lançando mão de um termo como “solteirona” (o qual atualmente, ao menos, vem carregado

⁵ *Idem*, p. 77-8.

⁶ *Idem*, p. 170-1.

⁷ LIMA BARRETO, A. H. “Quereis encontrar marido?_ aprendei!...”. In: *Toda Crônica – V. I.* (Org.) Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, 2 v., p. 524-6.

⁸ LIMA BARRETO, A. H. de. *TFPQ*, p. 43.

de sentido pejorativo), em outro momento da obra refere-se à condição de solteira da irmã de Quaresma como uma opção válida, uma alternativa:

Para Dona Adelaide, a vida era cousa simples, era viver, isto é, ter uma casa, jantar e almoço, vestuário, tudo modesto, médio. Não tinha ambições, paixões, desejos. Moça, não sonhara príncipes, belezas, triunfos, nem mesmo um marido. *Se não casou foi porque não sentiu necessidade disso; o sexo não lhe pesava e de alma e corpo ela sempre se sentiu completa.*⁹ [grifo meu]

Ainda a justaposição estabelecida no capítulo três entre o comportamento das moças à volta da Ismênia, quando esta recebe o pedido de casamento, e os rapazes em torno de Cavalcanti, que acabara de se formar, reforçam a crítica à supervalorização das aparências (status de mulher casada e do diploma) em detrimento da essência (amor ao noivo e à profissão), aspecto em que homens e mulheres se igualavam. Com base nesse episódio, se conclui: as críticas ao casamento elaboradas por Lima Barreto voltam-se menos para a instituição em si do que para o modo como esta vinha se realizando naquela sociedade. Visam, portanto, a denunciar a estreiteza de horizontes própria daquele grupo e dos interesses menos nobres que, via de regra, constituíam a principal motivação para a assunção de tal compromisso, como se pode depreender da constatação de Olga de que “todos os homens [ao menos os do seu grupo social] deviam ser iguais; era inútil mudar deste para aquele...” e do trecho abaixo:

Falam-me [os poetas nacionais de sua época] muito de amor, mas sem grandeza, nem drama, nem tragédia. O amor deles é um amor honesto ou semihonesto de Petrópolis ou Botafogo, ou das calçadas da avenida. Evadido desse sentimento, eu só o acho digno da poesia quando ele sopra com fúria nas almas para cumprimento do Destino. Nas suas outras feiçõeszinhas de fabricante de casamentos burgueses, de influência para melhorar situações particulares de rapazes necessitados, de fornecedor de espórtulas aos padres e pretores, absolutamente não me interessa (...).¹⁰

Frente a esse quadro, depreende-se das críticas do narrador o desejo de que homens e mulheres buscassem o casamento por amor e que as mulheres, especificamente, não se submetessem aos maridos e às regras sociais a ponto de perderem sua individualidade, especialmente se estas mantivessem visão mais ampla e ideais mais nobres que os respectivos, como ocorre com a personagem Olga. A capacidade da personagem em questão de perceber as injustiças sociais, capacidade que a transforma na primeira personagem feminina da literatura brasileira a se empenhar no resgate de um preso político,¹¹ faz da personagem uma espécie de parceira do narrador. Dessa forma, o autor traz uma mulher para o centro da obra

⁹ LIMA BARRETO, A. H. de. *TFPQ*, p. 143-4.

¹⁰ LIMA BARRETO, A.H. “Um poeta e uma poetisa”. In: *Impressões de Leitura, Obras de Lima Barreto*. (Org.) Francisco de Assis Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 251.

¹¹ DECCA. Edgar Salvadori de. “Quaresma: um relato de massacre republicano entre a ficção e a história”. In: *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas: Editora da UNICAMP; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p. 137-57.

e, ressaltando outras características que não a beleza ou a competência para realizar prendas domésticas, traça um perfil de mulher bastante mais próximo da mulher moderna. Além disso, acena com a possibilidade de homens e mulheres se relacionarem em parceria, sem submissão de uma ou de outra parte, rompendo, de alguma maneira, com o *status quo* (que punha a mulher em situação de inferioridade em relação ao homem), posicionamento que pode ser considerado um avanço em relação ao pensamento da época.

Outros posicionamentos do autor no que concerne ao tema aqui abordado, a mulher, remetem, entretanto, a uma instigante oscilação entre uma visão mais moderna e outra mais conservadora. Lima Barreto, em crônica intitulada “A mulher brasileira”,¹² põe esta em desvantagem em relação à mulher francesa, especialmente pela incapacidade de as nacionais “influírem, animarem, encaminharem homens superiores de seu tempo” como fizera “uma M^{me} de Warens que recebe, educa e ama um pobre rapaz maltrapilho, de quem ela faz mais tarde Jean-Jacques Rousseau”.¹³ A mulher brasileira, portanto, menos intelectualizada, não estaria cumprindo adequadamente um papel fundamental: o de contribuir indiretamente para a “marcha das ideias da pátria”, formando grandes homens, ou seja, “*cercando o trabalho intelectual* de seus maridos, filhos ou irmãos de uma atmosfera na qual eles se movem tão livremente como se estivessem sós, e onde não estão de fato sós”. [grifo meu]

Em um dos textos que compõem a obra *Impressões de Leitura*, Lima Barreto recrimina a poetisa maranhense Leonete de Oliveira por cultivar “com tanto carinho um tão imediato apelo ou a representação mental do ato da geração” e afirma não ter encontrado ousadia semelhante nos poetas masculinos, como a dizer que seria mais aceitável esse tipo de representação se produzida por homens.

Afirma ainda o autor a propósito dos versos da poetisa em questão:

Não sou moralista, nem irmã de caridade, nem crítico de arte; mas a ‘flama’ da poesia e de outras manifestações escritas por parte das nossas mulheres está descambando com grande sucesso, para essas elementares e reduzidas formas de poeitar que *me ponho a pensar que, em breve, seremos nós os homens, mais ou menos dissolutos e viciosos os autores aconselhados para as meninas honestas*. Absolutamente não me apavoram nem me enrubescem semelhantes produções femininas, *mas as julgo tão vazias de um grande ideal humano qualquer que procuro as causas disso em toda a parte e não as acho*.¹⁴ [grifo meu]

Claramente se percebe, pelas palavras do autor, a existência de padrões distintos de comportamento para homens e mulheres, no que tange ao exercício da sexualidade. Importa notar, não obstante, que, via de regra, as aparentes incoerências ou atitudes excessivamente conservadoras de Lima Barreto surgem ao lado de justificativas pautadas naqueles que seriam os alicerces de sua produção crítica e literária. No caso específico da poesia de Leonete de Oliveira, conforme

¹² LIMA BARRETO, A. H. de. *Vida Urbana*, p. 49.

¹³ *Idem*, p. 50.

¹⁴ LIMA BARRETO, A. H. de. *TFPQ*, p. 259.

se verifica, a fundamentação consiste na crença, diversas vezes enunciada, de que a literatura deveria expressar grandes ideais humanos, “ligando os homens em humanidade, afinal”.

Fato semelhante ocorre com a posição expressa pelo autor em relação ao trabalho feminino e também ao direito de as mulheres votarem, questões que já vinham sendo postas no Brasil àquela época. Quanto ao primeiro ponto, o que se refere ao direito ao trabalho, a crônica curiosamente intitulada “Quereis encontrar marido? – Aprende! ...”¹⁵ explicita o posicionamento do autor que afirma, naquela oportunidade, se contrapor muito mais à questão da ilegalidade que tal fato representaria no nosso ordenamento jurídico do que ao fato propriamente de as mulheres trabalharem: “Não sou inimigo das mulheres, mas quero que a lei seja respeitada, para sentir que ela me garante”. Nota-se, entretanto, que em momento algum o autor se empenha na mudança da lei nesse sentido, atitude que toma claramente frente a outras questões não menos polêmicas para a época como a questão do divórcio, por exemplo. Nem sequer apresenta, por intermédio das suas personagens femininas, tal necessidade. Quando trata de Ismênia e da sua fragilidade, cita algumas possíveis ocupações que poderiam demover a moça do estado em que se encontrava: “Sem hábito de leitura e de conversa, sem atividade doméstica qualquer, ela passava os dias deitada (...)” Olga, por sua vez, quando se depara com a difícil realidade dos lugarejos do nosso interior, pensa em ser ... homem!¹⁶ Essa é a única forma que a personagem vislumbra de influir diretamente naquela realidade. O narrador, a seu turno, também não lhe apresenta outra alternativa. Às mulheres cabia, pois, apoiar os homens e exercerem, no máximo, a profissão de professoras.¹⁷

Lima Barreto assume, entretanto, outros posicionamentos mais “modernos”, como a defesa do divórcio e até do aborto. Na crônica “A lei”, critica a nossa legislação a qual previa que as “senhoras separadas do marido” que trouxessem em seu ventre o fruto de uma, ressalte-se, natural “inclinação amorosa”, perdessem a guarda dos filhos. Critica também a prisão das “parteiras” que, motivadas por simples amizade, terminassem provocando a morte dessas mesmas mulheres. A consequência mais frequente dessa legislação, segundo o autor, era o suicídio das parteiras, ou seja, o sacrifício de duas vidas em nome da proteção de uma vida apenas provável.

Assumiu ainda posição veemente contra os uxoricidas e no texto sugestivamente intitulado “Não as matem”,¹⁸ a propósito deste fenômeno, assina uma frase das mais instigantes (e por que não dizer, das mais ousadas) da literatura da época: “Deixem as mulheres amar à vontade”. E esclarece:

¹⁵ “Quereis encontrar marido? Aprende!...”. In: LIMA BARRETO, A. H. de. *Toda Crônica: Lima Barreto*. Vol. I, p. 254.

¹⁶ LIMA BARRETO, A. H. de. *TFPQ*, p. 139.

¹⁷ LIMA BARRETO, A. H. de. “Tenho esperança que...”. In: *Bagatelas. Obras de Lima Barreto*. (Org.) Francisco de Assis Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 61.

¹⁸ LIMA BARRETO, A. H. de. *Vida Urbana, Obras de Lima Barreto*. (Org.) Francisco de Assis Barbosa, São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 83.

Todas as considerações que se possam fazer, tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição, não devem ser desprezadas.

Esse obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa, que enche de indignação.

O esquecimento de que elas são, como todos nós, sujeitas a influências várias que fazem flutuar as suas inclinações, as suas amizades, os seus gostos, os seus amores, é coisa tão estúpida, que, só entre selvagens deve ter existido.

O destaque à adoção por Lima Barreto de posições, ora bastante conservadoras, ora mais modernas, como a expressa acima, que põe homens e mulheres no mesmo patamar em termos de liberdade para o amor, não visa a ressaltar o caráter tradicional do nosso autor nem o inserir irresponsavelmente entre os pioneiros do movimento de emancipação feminina. Também não pretende apontá-lo como inseguro frente às opiniões que assumiu, ou ainda, o que seria mais grave, exigir do nosso autor que se colocasse totalmente à frente de seu tempo. Reflete, entretanto, o aumento gradativo, que já começava àquela época, do espaço assumido pela mulher na vida do país e a percepção do autor desse estado de coisas, as quais praticamente o obrigam a emitir opiniões sobre os novos espaços reivindicados por esse grupo, demonstrando a sintonia que manteve com as questões de sua época. Reflete ainda a independência com que Lima Barreto se debruçou sobre temas polêmicos da vida brasileira de então. A mesma independência que o levou a, em obra como *Os Bruzundangas*, criticar a república, ressaltar aspectos positivos da monarquia, preconizar uma revolução nos moldes anarquistas e, ao mesmo tempo, se empenhar na “(re) construção” nacional.

[Este trabalho faz parte da tese de Doutorado intitulada: “Lima Barreto e Oswald de Andrade nos descaminhos da modernidade”, defendida na Universidade de Brasília em 26 de abril de 2006.]